



Rosa Gaudiano, José Augusto Varella e Antonio Carlos d'Ávila, ângulos de uma cidade múltipla

Doze fotografos e a sua São Paulo

STEFANIA BRIL

O prédio do Centro Cultural São Paulo (antiga Vespertino, 1.000 realmente bonito, arrepiado. Você entra e em vez de se sentir rapidamente "funcionalmente" no lugar desejado, fica com vontade de dar uma paradinha e olhar simplesmente pelas janelas dos apartamentos da exposição ("São Paulo Gigante e Intimista"), até março, percorrendo o mesmo caminho, até expostas, descrevem como isso se desenvolveu. As palavras exploradoras do estabelecido. O setor fotográfico está embaixo e o que se apresenta diante dos olhos é um mosaico de painéis: vermelho, branco, preto. Cores de São Paulo. Mas será que cores fotográficas a colorir a imagem? De repente, quem só gostaria de assistir a cidade, gigante São Paulo feita de imagens, olhares e sensações, de concreto e gente, para admirá-la? Porque, de perto, a visão é diferente. Trabalho de 12 fotografos. Nível e desnível, lado ao lado. É a arte do editor ou dos editores da mostra a manter só um nível, o bom.

São Paulo intimista reflete a visão pessoal do fotógrafo. São misteções individuais. O fotógrafo estabelece a sua marca e saboriza a cidade e seu modo.

Emílio Luisi catifa a cidade-palco. O palco dos palhaços andantes. Desta vez, ele não compõe nem alinha os movimentos dos atores, mas "estaura" as expressões, recorta fragmentos dos cidadãos. As cores, contrastes, sinfonias-realidades, antes sonatas em branco e preto, a captar as geometrias, a deslevar manchas retangulares no chão, luminosas, que contrastam com uma silhueta negra encolhida no canto da imagem, no canto da cidade.

Alguém sobra que existe uma Itália paulista, bem no centro da cidade? A medição descoberta. Contornando os espaços puros dentro e corpo negro - brilhante - cristallino - vencedor - transformativo - em escultura viva, triangular. Rosa Gaudiano, uma sequência crítica, identifica e se desprende, a objetiva registra e abandona os edifícios para mergulhar junto com os críticos. Afogando não se esquece de flisar aquela planície branca de negro a emergir da espuma lúbrica.

São Paulo plana? Nem tanto. O painel de André Baccato o prova. Estabelece dentro de um solco: nome, gesto, chopp, um bom papo e aquele batique emprensado que escapa da tradição. Imagens, ritmo. Um papo, o "lá desti-sum, o forró está no ar, na palma da mão, no copo, no sorriso, no abraço e

até nas listras elegantes de um ternô branco que se deixa arrastar para a dança.

José Augusto Varella encontra um ponto de apoio para a sua cidade: a mão. Forte, ela estoura no primeiro plano, mido-óbvio. Tímida, faz-se dentro da imagem, pedindo um olhar, entra em diálogo com o mido-pé, a presença inexistente de um opoitor, inopinável.

São Paulo gigante se estende nos painéis brancos, vermelhos, pretos. Trabalhos bons se acomodam junto a medições. São Paulo andante, formaz e sombra (Antonio Carlos d'Ávila). São Paulo, painel bidimensional, fazção concreta recordada em fecho: prido urbana que pensa ser livre no cido das janelas-óculos, que não penetra o ar poluído (Idalé Cannabarro). São Paulo, cidade a absorver o homem-transparência (Paulo Constantino). São Paulo, "dobrada", a penetrar as persianas, fendas arredadas que deixam espaço para um homem só (Cláudio Vasconcelos). São Paulo, complice do dia-e-noite do homem (Antônio Perreira). São Paulo, multido desordenada, tumultuada; uma caminhada agressiva, uma parada não mais para um café, mas para um consumo competitivo (Joel de La Laine Sene). São

'Jornal sem Texto' para documentar a realidade

Da sucursal de RIO

'Jornal sem Texto' é o nome da quarta exposição de fotografias promovida pela Associação dos Repórteres Fotográficos do Rio de Janeiro. Arco, que desde 1979 vem trabalhando com a documentação fotográfica dos principais acontecimentos do País. Esse ano, com as fotos mais importantes dos anos de 1982 e 1983, a exposição conta com 138 trabalhos de 43 fotógrafos dos principais jornais da cidade e das principais sucursais, como é o caso das três fotos sobre o garimpo de Serra Pelada.

de Carlos Chicarino, da sucursal do Rio de Janeiro. O Estado de S. Paulo, trabalho que se notabilizou até em Paris, quando fez parte de exposição no Centro Georges Pompidou, em junho de 83.

Em exposição no metrô da Cinelândia, a mostra já foi vista por mais de 15 mil pessoas, 10 mil das quais assinaram o livro de visitas e não pouparam elogios à mostra. Os turistas, principalmente norte-americanos, franceses, espanhóis e argentinos, mostram-se muito interessados no trabalho e vários deles manifestaram vontade de visitar o arquivo da Arco.



O garimpo de Serra Pelada, na visão de Carlos Chicarino

Romance sobre o reinado da cachaça e do carnaval

Da sucursal de RIO

Com a guerra entre o coronel Martin, fabricante de uma cachaça famosa, e seu sobrinho-neto, o jovem Caetano, que resolveu pegar em armas para ter o direito de plantar até macaouha no lugar do carnaval, começou a história de um romance. O autor, Gilson Rebelo — "No Reino da Cachaça" —, que será lançado hoje no Rio, na Livraria Rio Market.

que governa o País Afinal, estamos vivendo não numa república democrática, mas sim num reinado. Talvez no reinado de Momo, durante o ano inteiro".

A história principal de "No Reino da Cachaça" procura mostrar o choque de gerações, "numa luta que coloca, de um lado, o desnoentramento de jovens que querem sair do cachaça da cidade grande e do outro, velhos agarrados a estruturas arcaicas de uma sociedade fechada que não quer abrir mão de seus privilégios", como escreveu no prefácio do livro o escritor e jornalista Salim Miguel.

Para o autor, que já publicou os livros "Cotidiano" e "A Guerrilha de Capangá", a partir de uma série de reportagens que escreveu para O Estado de S. Paulo, de onde é repórter, a história de um romance, emoldurada a mesma cachaça que desencadeou a trama ficcional de sua história e, propositalmente, escolheu a data de lançamento, alguns dias antes do início do carnaval.

Em "No Reino da Cachaça", Rebelo procurou dar importância total aos personagens, fazendo com que cada um contasse a história daquela época na ficção criada de Almas: "Através da linguagem de meus personagens, que têm total independência para se movimentarem ao longo das 288 páginas do livro, ou contados a história principal e os vários enredos paralelos que, atrelados àquela, seriam não só para dar ao leitor mais opções, como ajudam a fortalecer o enredo central".

"Apesar de não ter escrito uma história carnavalesca, meu romance procura captar o clima de carnaval permanente do País. Por isso, não podia ter melhor data para o seu lançamento. Afinal, o romance é a história de um Brasil de guerra e da guerrilha, da corrupção e do "leitinho", dos crimes e das jogadas políticas da miséria do vício, do pecado e da mentira. É a história de um país que, de repente, acordou embriagado, num tempo de carnaval constante".

Partindo dessa ideia e apresentando a história do romance como um enredo de escola de samba, criando assim a estrutura do desfile para apresentar os enredos, o autor explica que tudo é feito para se conseguir apenas uma coisa: "Sou, antes de tudo, um contador de histórias, e meu maior desejo é fazer com que o leitor chegue até o final da obra".

Gilson Rebelo diz que o seu novo livro, premiado pela União Brasileira de Escritores, é uma espécie de resumo da história do Brasil no reino da cachaça: "No lançamento, quero misturar literatura com carnaval e cachaça. P o resultado disso será o início, sem dúvida e descaradamente, do verdadeiro sistema político do carnaval".

Caricão, 34 anos, Rebelo é jornalista desde 1963 e começou a escrever quando estudante. Sempre se definiu como romancista, apesar de se sentir atraído para o cinema e a televisão.



No Rio, o lançamento de "No Reino da Cachaça", de Gilson Rebelo



Lotnar Charoux e Tomie Ohtake, entre os expositores

Abstratos brasileiros em mostra no Clube Harmonia

A Sociedade de Amigos dos Museus, apesar de criada juridicamente há um ano e meio, já colhe alguns frutos de sua atuação, como a exposição "Os Grandes Mestres do Abstracionismo Brasileiro", que a sociedade apresenta de hoje a sexta-feira no Clube Harmonia (rua Canadã, 658), a mesma exposição que teve avanço no Clube Sarambá da Guarani, participou da segunda "Viagem Colorida das Artes", com passagens por Montevideo e Buenos Aires, e encontrará o circuito no Regine's, com a "Simblose das Artes III", uma festa a fantasia inspirada em obras da arte moderna.

Ao todo, 24 obras de nomes consagrados das artes plásticas brasileiras: Manabu Mabe, Tomie Ohtake, Kazuo Wakabayashi, Tikashi Fukushima, Abelardo Zaliar, Danilo Di Preti, Lotnar Charoux, Sérgio Lacerda e Arcangelo Ianelli. Dois expositores, Tomie Ohtake e Arcangelo Ianelli também diretores da Sociedade, mais com uma função "de corretiva do que ativa", acham importante as atividades da entidade e a participação dos artistas. "Eu não compreendo muito bem o trabalho — diz Tomie —, mas como há um esforço da diretoria em promover um intercâmbio entre o Brasil e a Europa, penso que é interessante importante." Ianelli também concorda. "Todo movimento que se faz em prol da arte deve ser incentivado. Participei da primeira exposição da entidade,

no ano passado, que abarcava os figurativistas. Na atual, acheli um pouco pretensioso o título, 'grandes mestres', não precisava ser tão grandioso assim".

Apolítica e sem fins lucrativos, a Sociedade de Amigos dos Museus visa promover, conforme explica a presidente, Marilisa Rodrigues Ratti, o intercâmbio cultural a nível nacional e internacional. Chegou ao conhecimento do público no ano passado, através de sua primeira exposição, reunindo 30 obras de Cláudio Tozzi, Antônio Henrique Amaral, Darby, Newton Mascarenhas, Arcangelo Ianelli, Tomie Ohtake, Carlos Araújo e Gilvane Pinto de Moraes. Os nomes são selecionados por uma comissão de arte formada por críticos. Uma vez selecionados, cada artista recebe de duas a três obras com direito a porcentagem na venda, que pode começar já na primeira mostra, sempre no Guarani, continuando na "Viagem Colorida das Artes" — um cruzeiro com o navio atracado por dez dias em duas cidades latino-americanas (Montevideo e Buenos Aires, no ano passado e este), ou mesmo no Regine's, onde sempre acontece a festa com um leilão e a venda final das obras. No momento, a entidade planeja exposições na França e a criação do Museu de Arte de Brasília, cuja construção estava prevista no plano-piloto de Lúcio Costa.

Exposições

JOÃO URBAN E SÉRGIO ZABY — Mostra fotográfica abstrata, com trabalhos de 100 em painéis de Paris e de judeus na América. Trabalho de João Urban e Sérgio Zaby, de 1978 a 1983, de 18 a 19 horas, no Espaço Fausto Cordeiro, N.º 10, rua São Francisco, 1.000, tel. 233-1111.

COLETTA — César, Diácono, Tópicos, Manuel Santiago, Maria, Cayula, José, Sérgio de Mello e Abelardo Zaliar, com trabalhos que integram a exposição "Os Grandes Mestres do Abstracionismo Brasileiro", de 18 a 19 horas, no Espaço Fausto Cordeiro, N.º 10, rua São Francisco, 1.000, tel. 233-1111.

COLETTA — Pereira de Arê, Soriano, Cláudio Lobo, Cláudio Lobo, Maria, Cayula, José, Sérgio de Mello e Abelardo Zaliar, com trabalhos que integram a exposição "Os Grandes Mestres do Abstracionismo Brasileiro", de 18 a 19 horas, no Espaço Fausto Cordeiro, N.º 10, rua São Francisco, 1.000, tel. 233-1111.

ARTE CONTEMPORÂNEA — O Centro Cultural de São Paulo, em parceria com o Museu de Arte de São Paulo, apresenta a exposição "Arte Contemporânea", de 18 a 19 horas, no Espaço Fausto Cordeiro, N.º 10, rua São Francisco, 1.000, tel. 233-1111.

ARTES VISUAIS — O Centro Cultural de São Paulo, em parceria com o Museu de Arte de São Paulo, apresenta a exposição "Artes Visuais", de 18 a 19 horas, no Espaço Fausto Cordeiro, N.º 10, rua São Francisco, 1.000, tel. 233-1111.

HISTÓRIA DA ARTE — Curso ministrado pela jornalista e artista plástica Lenza Miranda de Figueiredo, abrangendo 40 mil anos de arte, da pré-história às artes atuais, com exposições de obras de arte, de 18 a 19 horas, no Espaço Fausto Cordeiro, N.º 10, rua São Francisco, 1.000, tel. 233-1111.

TABLEAU ESCOLA DE ARTE — Uma subseção da Tablaria Arte Plástica, a escola de arte inicia suas atividades em março, com cinco cursos: "Forma", por Carmine Cruz; "Mundo em Marcha" (discussão sobre a nomenclatura atual do mundo), por Paulo Zingari; "Tópico Oriental", por Otho Leon; "Abstração", por Maria Alberta F. Rodrigues. Inscrições no período de 18 a 19 horas, no Espaço Fausto Cordeiro, N.º 10, rua São Francisco, 1.000, tel. 233-1111.

OPALUS VILMOS CARNAVALS é uma exposição que apresenta um pouco do carnaval de São Paulo, de 18 a 19 horas, no Espaço Fausto Cordeiro, N.º 10, rua São Francisco, 1.000, tel. 233-1111.

ESTUDO DA LÍZ — Dentre os países mais de um observando o cotidiano da Rua de São Paulo, de 18 a 19 horas, no Espaço Fausto Cordeiro, N.º 10, rua São Francisco, 1.000, tel. 233-1111.

OS GRANDES MESTRES DO ABSTRACIONISMO BRASILEIRO — César e Diácono, Tópicos, Manuel Santiago, Maria, Cayula, José, Sérgio de Mello e Abelardo Zaliar, com trabalhos que integram a exposição "Os Grandes Mestres do Abstracionismo Brasileiro", de 18 a 19 horas, no Espaço Fausto Cordeiro, N.º 10, rua São Francisco, 1.000, tel. 233-1111.

CARNIVAL, MUSEU, CARNAVAL — O Instituto de Arte e História da Cultura, apresenta a exposição "Carnaval, Museu, Carnaval", de 18 a 19 horas, no Espaço Fausto Cordeiro, N.º 10, rua São Francisco, 1.000, tel. 233-1111.

NATUREZAS — Um trabalho composto por 30 fotos de natureza, de 18 a 19 horas, no Espaço Fausto Cordeiro, N.º 10, rua São Francisco, 1.000, tel. 233-1111.

ACERVO — Exposição do acervo da Galeria de Arte de São Paulo, de 18 a 19 horas, no Espaço Fausto Cordeiro, N.º 10, rua São Francisco, 1.000, tel. 233-1111.

Três estamos no Carro

O Jornal do Carro é o veículo indispensável para quem quer vender ou comprar um carro ou moto. Nele, as cotações são as mais recentes e atualizadas. São feitas semana a semana, diretamente no mercado. O Jornal do Carro ainda oferece dicas completas de como examinar um carro antes de fazer negócio. Mostra as tendências das marcas mais preferidas e menos preferidas. Conta histórias reais de pessoas que fizeram bons ou maus negócios e por quê. Procure o Jornal do Carro, 4ª sim, 4ª no, emartado no Jornal da Tarde.

Quem tem carro ou vai ter um carro, quem está comprando ou vendendo um carro ou uma moto, precisa ler o Jornal do Carro. Não é esse o seu caso?

Jornal do carro 4ª feira próxima, no jornal da tarde